

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO ( COMUNICAÇÃO COORDENADA )

NOME: MANNUELLA LUZ DE OLIVEIRA VALINHAS

TÍTULO: MUSEALIZAÇÃO HISTORICIDADE E EXPERIÊNCIA DO TEMPO

AUTORES: MANNUELLA LUZ DE OLIVEIRA VALINHAS, MANNUELLA LUZ DE OLIVEIRA VALINHAS, GABRIELA CORRÊA FROSSARD

AGÊNCIA FINANCIADORA (se houver): FAPEMIG

PALAVRA CHAVE: MUSEALIZAÇÃO, OBJETOS SACROS, HISTORICIDADE, PRESENTIFICAÇÃO

## RESUMO

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa: "Caráter e Natureza dos Objetos Museais – acerca da resignificação e secularização dos objetos 'sagrados'", financiado pela FAPEMIG e executado na Escola de Design – UEMG.

Entendemos o museu, numa definição tradicionalista, como espaço institucional, sistematizado de acordo com o tipo de coleção de objetos que se quer apresentar, obedecendo, para tanto, princípios pré-determinados. No caso dos museus de arte sacra cristã, o que relaciona os objetos entre si é o apelo a uma memória histórica, um sentido de gênese cultural que vincula uma historicidade específica a objetos de culto notadamente católicos. O sentido atribuído ao conjunto exposto é a noção de que aqueles objetos se referem a esse sentido específico – não se trata, pois, do valor intrínseco de cada objeto ou do seu significado particular, mas das relações construídas entre esses objetos e o seu novo espaço de "habitação".

A retirada dos objetos dos seus locais originários, bem como a retirada das funções a outrora cumpridas por esses objetos – tomemos como exemplos mais óbvios as imagens de santos que "originalmente" eram objetos de culto e passam a ser objetos de apreciação estético-históricas nos museus; ou ainda, os objetos de uso litúrgico que são colocados espacialmente ao lado das imagens – sempre foi assunto dos mais debatidos pelos estudiosos de arte, patrimônio e história material. As discussões se tornam ainda mais intensas a partir da patrimonialização da história e institucionalização da posse pelo Estado dos bens "coletivos".

A maior parte das discussões acerca dos objetos museológicos compartilham a premissa da essencialidade dos objetos selecionados, desconsiderando "a transitividade essencial dos objetos que contam como arte" – e, podemos ampliar essa noção para 'objetos que contam como patrimônio'. Assim, o estabelecimento do acervo de um museu supõe, por definição, a retirada das obras do seu local de origem, tendo como decorrência a neutralização da cultura.

A alegada transitividade dos objetos nos aponta o caminho da possibilidade de resignificação desses objetos sem que eles percam sua "essencialidade" – melhor dizendo: sem que exista aprioristicamente uma "essencialidade" (ou autenticidade, ou originalidade) que será preservada ou perdida. Os objetos passam a compor novos quadros culturais adquirindo outros significados, que podem tanto excluir quanto se sobrepor aos significados antigos.

Toda essa problemática faz parte de um tempo histórico específico, um cronótopo que partilha a ideia de que o passado consiste em experiência e o futuro em expectativa. Tal é a definição do cronótopo historicista, lastreado, ainda, por uma ideia de progresso. As humanidades utilizam esse modelo até meados dos anos 60; e, a partir dos anos 70 verifica-se uma mudança de perspectiva na sociedade: o futuro não se apresenta mais como espaço privilegiado ou de realizações, mas um horizonte incerto e, frequentemente, adverso. A inversão do modelo historicista (o passado parece mais interessante que qualquer futuro imaginável) acompanha o fenômeno de patrimonialização da cultura, em detrimento da antiga historização. Rapidamente o conceito de patrimônio hipertrofia-se, e saímos de uma "história-memória para uma história-patrimônio": um novo modelo de experiência do tempo, ligado radicalmente ao presente emerge dessa nova configuração: o presentismo.

A novidade maior dessa experiência do tempo, no que tange aos objetos e sua reunião em ambientes especializados, é o desejo de manter presente o passado, o que, no limite, significa abandonar o tempo. Se, antes, o imperativo da manutenção ou conservação das coisas operava numa expectativa de atender gerações vindouras, agora poderíamos dizer que o que está em foco é suprir de passado o próprio presente:

Em relação à essas novas configurações de tempo e de sociedade, as coleções de arte sacra operam apresentando camadas simbólicas que ultrapassam o valor dos objetos particulares. Os motivos alegados para a manutenção das coleções, o modo de agrupar os objetos bem como sua disposição no espaço institucionalizado constituem uma narrativa própria, capaz de revelar aspectos interessantes da nossa cultura.